

Ironia circular

Ensaio



NORMA POTT

Ironia circular

Título. Ironia circular. Ensaio
©2019 Norma Pott e Editorial Novembro

Autor. Norma Pott

Coordenação Editorial. Editorial Novembro

Design editorial. Humberto Nelson

Produção. Pagella – Atelier de Design e Edições, Lda – Porto

Revisão de textos. Conceição Lima e Pedro Sousa Pires

Imagem da capa. Mami Higuchi

1ª edição. Dezembro de 2019

Impressão e acabamento. VASP - DPS

Dep. Legal. nº 464159/19

ISBN. 978-989-8439-22-2

Editorial Novembro

Uma Editora do Grupo de Comunicação Novembro

Rua S. João de Deus, 116, 2º, Sala 3

4760-162 Vila Nova de Famalicão

www.novembro.pt

T. (+351) 252 861 330

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

Este texto não obedece às normas do Acordo Ortográfico.



EDITORIAL
NOVEMBRO

PREFÁCIO

Eis aqui um livro destinado a cumprir a sua missão; sabendo nós que a missão de um livro, seja qual for o género literário em que o insiram, é a de provocar polémica, agitar consciências adormecidas, suscitar reflexões; em resumo, dar sentido à mensagem contida nas suas páginas.

Só o título, *Ironia Circular*, é susceptível de nos induzir a uma ampla reflexão sobre o seu profundo significado. A autora do livro dá uma ajuda: “Ironia circular é o gigantesco capital que move o futuro da humanidade e a faz girar como uma bola de cristal ou uma roleta, ditando a sorte do mundo actual”.

Deduzo que, para a Norma Pott, o homem não está confinado somente a um espaço, limitado por vicissitudes e condicionalismos vários, mas a um tempo, que é o nosso tempo, e a uma realidade, que é a nossa realidade. E que tempo e que realidade são esses?

Perguntámos-lhe, ou seja, fomos ver ao livro e lá está: “...o grande dilema que apoquento o século XXI é o terror do terrorismo alastrado à escala mundial... a banalização da morte sensacionalista no ecrã... e os constantes barcos [de emigrantes] afundados que lançam cadáveres flutuantes e sobreviventes de almas, irremediavelmente destruídas”.

Será erro crasso concluir destas palavras que a autora tem, da sociedade actual, uma visão catastrófica e irreversível. Nada disso. Para esta, deduzo eu, o importante é o modo como cada um de nós está no mundo dos nossos dias, a maneira como analisamos os acontecimentos que inquietam a humanidade e a capacidade que teremos para construir uma sociedade em dignidade e amor.

A mensagem que este livro nos pretende passar – sou eu outra vez a pensar – é muito simples: a vida não cabe dentro

de simples esquemas e emoções, assim como o livre curso das ideias, não pode ser sustido por um simples dique que contraria, por regra, a frescura jorrante das águas. Estou com a autora quando escreve: “Amor e água, correntes constantes e omnipresentes na vida do homem”.

Muitas coisas imprevistas aguardam quem ler esta *Ironia Circular*. Uma delas é a organização dos capítulos que começa com *A deriva dos continentes ou a Navegação à deriva*, que nos traz à memória aquele prólogo do Evangelho de S. João: “No princípio existiu o Verbo... por Ele é que tudo começou e existiu”. E acaba com uma bela mensagem de esperança – *A bom porto*.

Excelente, o enquadramento que a Norma faz dos seus poemas com o texto central deste ensaio. O poeta, digo eu, não é um fingidor, como disse o outro, mas sim um libertador que tem o condão de saber abrir as portas do futuro: “Se eu escrevesse um sonho, talvez começasse por uma porta a abrir...” (*Sonho*, p. 43).

Este é um livro que vai cumprir a sua missão, porque vai dar que falar, não só pela actualidade do tema, mas também pela originalidade com que as ideias da autora são expostas. Para mim, esta obra, que aqui se apresenta, não constituiu uma surpresa total. Conheço a autora, há já uns anos, e sei dos seus dotes em poesia e prosa. Mas foi uma novidade encontrar um livro tão bem pensado e construído como é o caso de *Ironia Circular*.

Germano Silva

NOTA INTRODUTÓRIA

Ironia Circular é o gigantesco capital que move o futuro da humanidade e a faz girar como uma bola de cristal ou uma roleta, ditando a sorte do mundo actual. Bola que rola, rebola e deambula, num malabarismo permanente de vida e de circo em que todos somos actores de um mesmo palco, coagidos como bolhas de ar sob a pressão, a furar freneticamente a corrente para tentar emergir, evaporar, penetrar a atmosfera e, de novo, cair num ciclo sem fim de elevações e quedas, deambulações, evasões, Navegações.

Num manifesto contra o silêncio e o conformismo, este Ensaio visa fortalecer a amizade e a paz entre os povos e é dedicado a todas as vítimas do terror, irmãos fraternos, num contributo para reflectir sobre o estado da actual sociedade.

Em Ironia Circular, o eco dos búzios faz soar os sonhos de quem jaz no fundo do mar e, também, daqueles que, sendo sobreviventes de tragédias, clamam pela paz, cansados da dor da perda, da guerra, do êxodo, da perseguição, do terrorismo e da barbárie.

Estas linhas inéditas, incorporadas numa narrativa metafórica segundo inspiração particular, filosófica e poética, representam um total descompromisso com verdades objectivas ou científicas e não se regem pelo Acordo Ortográfico.

Por fim, fica uma nota de profundo agradecimento aos quinze artistas que permitiram a ilustração dos poemas com as suas obras, amigas e amigos que tornaram mais bela e fecunda esta navegação de escrita.



A DERIVA DOS CONTINENTES
OU A NAVEGAÇÃO À DERIVA

No princípio tudo era mar, ondas de espuma, sal e histórias que brotavam da biodiversidade de todos os seres vivos misturadas com as fantasias dos homens.

Circular a circular, a Água, a Terra, o Ar, a Energia – os quatro elementos, fundamentais à vida e transversais ao mar. Sempre o intenso mar, compassado pelo tempo que criou o tempo como se fosse matéria. Tempo e Mar.

Penetrante na vida e no homem, como ar ou água, o tempo chega ao mais ínfimo lugar e está sempre presente, a avançar, a ritmar, a dominar.

Depois veio a Navegação e nós, os homens, navegámos e prosseguimos caminho na deriva dos continentes. Uma viagem permanentemente na onda suspensa e efémera que, do alto da sua bravura, rapidamente se desfaz, numa relação bipolar de amor e ódio que instiga às lutas pela posse, à desenfreada competição, à xenofobia, ao nacionalismo e às desigualdades sociais, económicas e culturais.

Vivemos suspensos numa balança que nunca está equilibrada, porque ambos os pratos são essenciais, ostentando o diferente peso dos valores da sabedoria, riqueza, materialismo e vaidade. E assim se vai escrevendo a história da humanidade, como se fizéssemos parte de *A Divina Comédia de Dante*, feita de círculos sobrepostos e de hierarquias, na narrativa atemporal que nos faz rodar em círculos concêntricos, entre o céu, o purgatório e o inferno que nós próprios criamos.

No extenso mar que ora nos afasta ora nos aproxima, subsiste a frívola sociedade contemporânea, onde podemos questionar-nos sobre os pesos e as medidas dos homens e

das nações: Quem pesa mais? Quem tem mais peso? Quais os valores que prevalecem? Que preço tem o homem que pagar neste tiritante navegar da vida? Quanto valem a imagem social e a vaidade individual? O que diferencia um homem rico dum pobre? Vive-se ou sobrevive-se?

Entre centenas de adversidades e de questionamentos, o grande dilema que apoquento o século XXI é o terror do terrorismo alastrado à escala mundial a gerar uma insegurança tal que nos faz pensar que não existe um único lugar no planeta que possamos eleger para viver com paz. O homem *fast* do mundo global, frenético dos números, das ligações virtuais e tecnologias, vive *Só*.

Alastrou-se, na sociedade actual, a loucura inconsequente da guerra eminente que, quente ou fria, é mundial. E é neste contexto que se assiste, com banalização, à morte sensacionalista no ecrã, entre ataques bombistas com corpos destroçados e constantes barcos afundados que lançam cadáveres flutuantes e sobreviventes de almas, irremediavelmente destruídas.

Entre confrontos e fugas à escala mundial, continuam a proliferar, no Mediterrâneo, naufrágios que representam milhares de seres à deriva, desesperados, esvaziados, perdidos. Homens, mulheres e crianças são constantemente obrigados a viver deslocados em campos de refugiados ou a fugir dos seus lares e terras como se o pânico, a fome e o sofrimento que provoca a guerra não lhes bastasse e fosse melhor morrerem afogados a ficarem parados em casa, mortos por bombas, ondas de destruição e conflitos. E é neste dantesco cenário da sociedade moderna que prosseguem diariamente as mortes geradas por sonhos afundados, na ironia circular do vaticínio do *Mare Nostrum* e de demais lugares fatais,